

Antonio Carlos Soares<sup>1</sup>

## MARSUL: UM MUSEU EM QUARENTENA

---

<sup>1</sup> Mestre em História pela PUCRS. Analista em Assuntos Culturais da Secretaria de Estado da Cultura do RS. Diretor do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul/MARSUL, [soares\\_rs@hotmail.com](mailto:soares_rs@hotmail.com)

## RESUMO

O Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul, sediado em uma área de 5,6 hectares, com mais de dois mil metros quadrados de área construída, no interior do município de Taquara, RS, tal como todos os museus ao redor do planeta, está com as visitas públicas suspensas e seus colaboradores estão realizando atividades em teletrabalho, em função da pandemia da covid-19. Considerando a história do museu e suas condições nas últimas décadas, a atual situação suscita considerações que nos fazem pensar acerca de sua vida enquanto coisa que interage no meio. A tarefa de abordar o tempo presente não é fácil para um historiador de formação, tampouco a tarefa de falar de gestão de museus sem apelar, com cacótes acadêmicos, para teorias um tanto exógenas. O presente texto, para manter a tradição de romper a tradição, busca refúgio nas teorias e práticas sobre cultura material, para considerar a instituição museológica como “ator” numa “rede”, que constitui e é constituída por “trechos, troços e coisas”, que são “a dimensão concreta das relações sociais”.

**PALAVRAS-CHAVE:** Marsul. Agência dos Objetos. Pandemia. Museu Arqueológico. Cultura Material.

## SOBRE O MARSUL

Fundado em 1966 para que o professor da rede estadual, Eurico Theófilo Miller, pudesse se dedicar em tempo integral à atividade arqueológica, o Marsul funcionou primeiramente na casa de seu fundador e em edificações particulares cedidas. Miller participava do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, o PRONAPA, desde 1965, cujos métodos e práticas foram determinantes para a formação do seu volumoso acervo. Até o ano de 1980, o Marsul dirigido por Miller, reuniu a maior parte do expressivo acervo que salvaguarda atualmente, incluindo materiais escavados e reunidos pelo professor desde, pelo menos, 1961. A fundação e construção de sua enorme sede, ocorreram num contexto político, quando o Estado brasileiro, apesar do dirigismo cultural e forte repressão ditatorial, verificava uma ampliação estatal em atividades culturais (Ortiz, 2006, p. 79-82). Pesquisas pelo PRONAPA<sup>1</sup>, e pelos programas decorrentes, como o PRONAPABA e o PROPA, fazem parte da história da Arqueologia brasileira e contribuíram para a formação desse campo científico no País.

Entre as décadas de 1980 e 2000, o museu produziu pesquisas importantes como o Projeto Arqueológico de Santo Antônio da Patrulha, o PASAP<sup>2</sup>, sob a coordenação técnica do arqueólogo André Jacobus. Entretanto suas atividades foram mais focadas em exposições, ações educativas e em lazer oferecidos à comunidade por meio de suas estruturas. Houve, nesse período, uma enorme aproximação da instituição com a comunidade (Boletim, 1984).

A partir do ano de 2008, o Marsul teve as atividades arqueológicas e visitação pública interditadas por falta de condições de conservação dos prédios e falta de pessoal qualificado em seus quadros, após o afastamento do arqueólogo André Jacobus por motivo de saúde. Durante este período de interdição, que durou até 2019, a instituição teve sua gestão cedida ao Município de Taquara, entre 2009 e 2014, cujos resultados agravaram ainda mais o estado de conservação, colocando em risco os acervos. Durante este período, o Governo do Estado designou o arqueólogo Jefferson Dias para que realizasse trabalhos voltados à organização, salvaguarda e levantamentos catalográficos dos acervos. A partir de setembro de 2015, o Marsul recuperou a posse integral de seu prédio principal, até então ocupado parcialmente pela municipalidade, o que possibilitou o início de uma recuperação institucional, a partir de ações em basicamente três frentes: gestão de acervos, comunicação de conhecimentos e apropriação comunitária.

Neste contexto de reestruturação do Marsul, a gestão de acervos se ca-

<sup>1</sup> Sobre a implantação do PRONAPA, ver DIAS, Adriana Schmidt. Um projeto para a arqueologia brasileira: breve histórico da implantação do PRONAPA IN: **Revista do Cepa**. v. 19, nº 22, UNISC. 1995. Entre os programas derivados do PRONAPA, estão o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas da Bacia Amazônica – PRONAPABA (1975 – 1980) e no Rio Grande do Sul, o PROPA Projeto Paleoindígena, no final da década de 1970, ver MILDNER, Saul E. S. Histórico do Projeto Paleoindígena. Revista LEPA, Jul 2013/Jun2014.

<sup>2</sup> Projeto Arqueológico de Santo Antônio da Patrulha, PASAP, implementado e coordenado pelo arqueólogo André Luiz Jacobus, vigente entre 1995 e 2007.

racteriza pelo trabalho de inventário e curadoria, tanto do acervo arqueológico, quanto dos acervos documental, bibliográfico, fotográfico, cartográfico, etc. Para esta finalidade foi conveniada, em 2016, uma empresa de produção cultural, na modalidade de parceria público-privada, o que redundou em projetos aprovados pela Lei Rouanet que aguardam captação de recursos. A comunicação de conhecimentos se configura pela retomada da comunicação dos conhecimentos produzidos a partir dos acervos, sobretudo o arqueológico. Nesta frente, se insere a montagem de exposições para reabertura à visitação pública, e o estabelecimento e manutenção de comunicação institucional. A frente “apropriação comunitária” é a tarefa de reaproximar o Marsul e a comunidade circundante. Tanto a aproximação com a comunidade local, por meio do oferecimento de suas estruturas para atividades culturais, quanto a aproximação com a comunidade acadêmica, garantindo o acesso aos acervos e proporcionando espaços e condições adequados para pesquisas.

A humanidade se depara com uma ameaça sanitária, que provoca a mobilização de enorme capital intelectual tanto para o desenvolvimento da vacina, quanto desenvolver medidas para conter seus efeitos, cabe às Ciências Sociais o estudo dos desdobramentos provocados pelos efeitos da COVID-19 na sociedade. Muito ainda terá que ser pesquisado acerca dos efeitos da pandemia de 2020 sobre as mais variadas áreas sociais. Da mesma forma que não podemos desconsiderar os efeitos da atual crise política sobre estas áreas, sobre a Arqueologia e sobre as políticas públicas para a Cultura, no caso aqui, a manutenção de museus públicos. A associação dessas crises, agrava ainda mais o quadro de insegurança institucional devido às descontinuidades governamentais, da escassez de recursos estatais tanto para manutenção, quanto para o replanejamento dos equipamentos diante das novas necessidades sanitárias.

Abordo aqui as questões sobre gestão, diagnóstico e planejamento, de maneira um tanto superficial, com conceitos não tão usuais pelas disciplinas das ciências aplicadas, como Administração e Economia. São conceitos que fazem sentido no contexto da gestão do MARSUL, sobre seu diagnóstico, e sob o olhar particularizado, influenciado pela formação nas humanidades. De certa forma, o uso de metodologias de outras ciências sociais na gestão museológica não se configura algo tão herético para a Museologia. Manuelina Duarte Cândido (2014; 2015) já aponta para o uso de método mais heterodoxo, quando utiliza o paradigma indiciário de Carlo Ginzburg (1989), pelo qual os indícios se configuram como indicadores, que possam ser considerados no processo de diagnóstico e planejamento. Estes sinais, se tomados individualmente e descontextualizados, podem não fazer sentido. Mas considerados em conjunto e em contexto, adquirem forma de indicadores, melhorando o planejamento e retroalimentando o próprio método (Duarte Cândido, 2015, p. 19-20).

Sendo assim, à esta tarefa de entrar em contato com o museu e diagnosticá-lo por indícios, podemos incorporar, também, uma adaptação do

método da “teoria local e conceitualidade aberta” trazido por Benjamin Alberti e Yvonne Marshall (2009), pelo qual se desenvolve a teoria e até o próprio conceito a partir do achado em seu contexto. Para além dos indícios manifestados, as coisas precisam ser conceitualizadas e tratadas tal como encontramos em campo. Diagnosticar museu pode ser uma atividade comparável à prospecção arqueológica, salvadas as proporções. Entretanto, diferentemente do usual, as projeções teóricas e conceituais, devem ser desenvolvidas a partir dos próprios achados, considerando, inclusive, as diferentes agências exercidas pelos objetos sobre o seu meio social (Alberti; Marshall, 2009).

## A QUARENTENA: AUSÊNCIA DO CONTATO A PARTIR DA MATERIALIDADE

Com as atividades presenciais suspensas, um museu do tipo arqueológico, com um acervo tão significativo para formulação de novas perguntas tanto quanto para buscas de respostas sobre a ocupação humana no continente americano, talvez tenha que repensar o seu fazer. Um pequeno reposicionamento que provocaria uma mudança em sua descrição, acrescentando a comunicação de conhecimento ao que denominamos como instituição museológica. Uma instituição museológica comunicadora de conhecimento arqueológico, seria o que melhor se adequa ao que se projeta diante do Marsul na atual conjuntura. Produzir exposições, ações educativas, pesquisas e publicações dos resultados, direcionados a agregar valor e a constituição de bens simbólicos acessíveis, podem ser tarefas a ser desempenhadas em meio digital. O que implicaria toda uma nova avaliação museológica em torno de novos suportes, novas formas de fruição, de linguagem, etc. Assunto que extrapola o nosso alcance neste texto.

Durante o período de interdição, especificamente entre 2009 e 2015, a importância da existência do MARSUL passou a ser questionada por agentes políticos. Questionamentos sobre a justificativa de gastos com a recuperação e manutenção de um dos maiores museus do Brasil, com um acervo de significação nacional, tiveram maiores espaços em círculos políticos locais e regionais durante um período de ausência quase total de comunicação da instituição com o público. Naquele período, a instituição estava (ou foi) calada e aparentemente inerte, dando a impressão que sua história de vida estava chegando ao fim. De fato, naqueles dias, o fim da vida do MARSUL poderia ser decretado a qualquer momento, e seus acervos removidos. Tal como os artefatos, objetos fabricados, utilizados, trocados, descartados, escavados e, agora, musealizados, adquirindo um valor distinto do valor original, podemos encarar o próprio museu como um grande artefato, com vida social dinâmica (Appadurai, 2008), e exercendo influência sobre as ações humanas.

Os objetos podem adquirir qualidades animadas, *agency* (Gell, 2018; La-

tour, 2012), manifestando o que frequentemente descrevemos por verbos atribuídos às ações humanas. Assim, o MARSUL também fala, se movimenta, se reinventa enquanto instituição. Estas ações ocorrem, necessariamente, de maneira integrada com a sociedade. O MARSUL, como uma coisa que guarda outras coisas, um grande “treco” como diria Daniel Miller (2013), também é feito por nós na medida em que nos faz. Segundo o autor, as coisas que nos cercam, também nos fazem enquanto pessoas. Ao crescer interagindo com uma profusão de cultura material, o indivíduo aprende o que chamamos cultura. O MARSUL seria uma dessas coisas, e que age com “humildade”.

*“Objetos não gritam para você como os professores, nem jogam um pedaço de giz em você, como o meu jogou, mas eles lhe ajudam docilmente a aprender como agir da forma apropriada. Essa teoria também dá contorno e forma à ideia de que os objetos fazem as pessoas” (Miller, 2013, p. 83).*

Neste sentido, o MARSUL como um grande artefato, cuja principal agência seja motivar a sua própria salvaguarda e de outros artefatos que nele estão musealizados, nos fala de maneira humilde, segundo o autor, sem gritar, a forma apropriada de agir. Como em um sussurro para o qual precisamos estar atentos para compreender. Entretanto, podemos afirmar, que por vezes as coisas gritam. Em muitos aspectos, nas últimas décadas, houve situações em que o MARSUL gritou. Ainda há situações em que a materialidade se manifesta de forma gritante, que não caberia no escopo deste texto a descrição. Sua presença, sua grandiosidade ideal e sua história, mobilizam a sociedade pela sua manutenção e revitalização. Entre gritos e sussurros, o MARSUL fala a partir da materialmente.

Ao permanecer interdito durante aproximadamente dez anos, sem exposições, sem comunicação, sem aproximação com as comunidades, o museu falava, pela sua eloquente presença material, por meio de sua história e significação do seu acervo. Embora seja uma fala humilde, se fez potente, recentemente, motivando alguns mutirões de limpezas, adequações curatoriais, uma pequena obra de manutenção, a formação de uma pequena equipe, exposição midiática regional, um reaproximação com a comunidade local por meio de uma incipiente associação de amigos e a reaproximação com a comunidade acadêmica, garantindo o acesso aos acervos, cujas pesquisas têm obtido relevância nacional e internacional. Óbvio que as pessoas e outras instituições se motivam por diferentes fatores para ações em prol do MARSUL, não é sobre isso que falamos aqui. Falamos que as ações são delimitadas e até sugeridas pelo próprio museu aos colaboradores, a partir do contato material desses com suas riquíssimas coleções e suas estruturas únicas. Esses contatos materiais também norteiam os diagnósticos e planejamentos, nos apontando suas “forças” e mostrando as “oportunidades”, sussurrando humildemente seus trunfos. Gritando, também humildemente, a partir da materialidade, as “ameaças” e “fraquezas”.

Muitas das ações que surgiram e que surgirão, tem sido iniciativa do próprio MARSUL. Através dos seus acervos e espaços, tem apontado soluções para problemas antigos. O surgimento de contrapartidas das pesquisas como medidas para sustentabilidade e para a conservação dos acervos, por exemplo, decorrem exclusivamente da existência de coleções significativas e de espaços apropriados para pesquisas. São mais que condicionantes, são coisas que ao entrarem em contato material com a comunidade, neste caso a comunidade acadêmica, sugerem ações na medida que estes são ouvidos. Outro exemplo, foi o projeto de um parque cultural, realizado pela comunidade local, sobre os cinco hectares e meio de área, buscando a sustentabilidade e conservação patrimonial, valorizando e revitalizando os espaços externos. Medidas que requerem apenas a implementação por parte da direção, pois a idealização surge em função da própria agência exercida pelo MARSUL sobre as comunidades ao estabelecer contato a partir da materialidade. São concepções que surgem a partir do contato. Isto é, são ações que nascem do próprio museu.

Por fim, a quarentena imposta pela COVID-19, tem sido tão sensível ao MARSUL quanto aos humanos que o circundam. Assim como qualquer instituição museológica, sobretudo as que tem por objeto a cultura material, o MARSUL precisa se comunicar por meio da materialidade, tanto com a comunidade em geral, levando o conhecimento arqueológico, quanto com os colaboradores e pesquisadores, sussurrando ou gritando, humildemente, suas necessidades.

**BIBLIOGRAFIA**

ALBERTI, Benjamin. MARSHALL, Yvonne. Local Theories and Conceptually Open-Ended Methodologies. **Cambridge Archaeological Journal** 19:3, 344–56, 2009. Acessível em <https://doi.org/10.1017/S0959774309000535>

APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas**: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niteroi RJ: Editora da UFF. 2008

DIAS, Adriana Schmidt. Um projeto para a arqueologia brasileira: breve histórico da implantação do PRONAPA. **Revista do Cepa**. v. 19, nº 22, UNISC. 1995.

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina M. **Gestão de Museus, um desafio contemporâneo**: diagnóstico museológico e planejamento. 2ª Ed. Porto Alegre: Editora Medianiz, 2014.

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina M. Gestão de museus: modo de usar. In: GUIMARAES, Cêça; RANGEL, Vera; BERTOTO, Márcia (org.). **Museologia social e cultura**. Rio de Janeiro: Rio Book's, 2015. p. 15-34.

GELL, Alfred. **Arte e Agência**: uma teoria antropológica. Coleção Argonautas. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

GINZBURG, Carlo. **Mitos Emblemas e Sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**: uma introdução à teoria do Ator-Rede. Salvador: EDUFBA, 2012.

MARSUL. **BOLETIM**. Taquara: Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul, v. 1, ago. 1984.

MILDER, Saul E. S. Histórico do Projeto Paleoindígena. **Revista LEPA**, Jul 2013/ Jun2014.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas**: estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2006.